

# Por que a Astrologia é apenas uma pseudo-ciência

A Astrologia surgiu na antigüidade através da observação do céu, onde se distinguiam à noite — contra um fundo fixo de estrelas e o halo luminoso da Via-Láctea — a Lua, cinco planetas (do grego *planates*, errante, donde serem conhecidos como estrelas errantes), e, periodicamente, alguns outros corpos — os cometas — que a ignorância e a superstição fizeram crer que seriam uma espécie de “mensageiros da desgraça”.

Não pretendo aduzir neste brevíssimo ensaio uma História da Astrologia, mesmo porque os próprios historiadores parecem dissentir acerca de suas origens, chegando alguns a afirmar que teria surgido entre os sumérios<sup>1</sup> no IV milênio a.C., e outros no Vale do Indo<sup>2</sup>, no III milênio a.C. O fato é que da observação dos corpos celestes surgiu, no passado longínquo, a crença de que esses corpos exerceriam influência fosse no destino das pessoas, no instante de seu nascimento, fosse mesmo no dos povos, sendo comum que os reis requisitassem o serviço de astrólogos na confecção de horóscopos cujas previsões certamente influiriam em suas decisões.

Nos tempos antigos a Astrologia não se dissociava inteiramente da astronomia, pois se através da consulta dos astros os astrólogos faziam horóscopos, o que consistia numa prática divinatória, portanto anticientífica — de acordo com a concepção moderna de ciência —, a mesma investigação contribuía para um conhecimento mais detalhado do céu noturno, sendo certo que as primeiras cartas estelares (astronômicas) do Egito datam de aproximadamente 4.200 a.C.

O Zodíaco, um legado dos caldeus<sup>3</sup> e do qual se originam os signos astrológicos, consiste num conjunto de treze constelações que se estendem ao longo da **eclíptica**, o caminho que o Sol aparentemente percorre durante o ano.

Na confecção de um mapa astral pessoal, os astrólogos levam em conta a po-

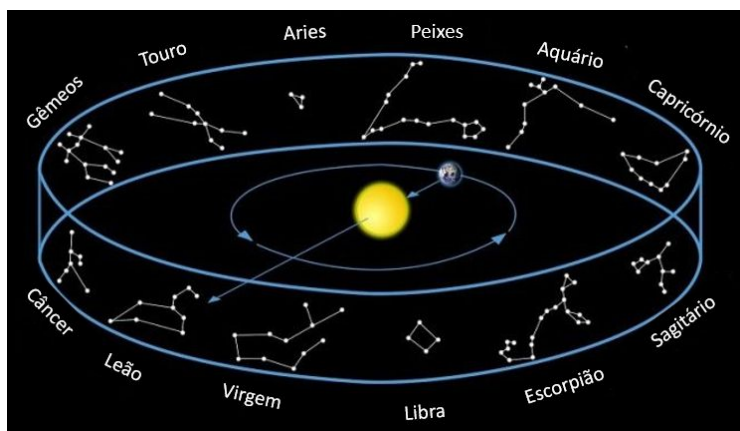
---

<sup>1</sup> A Suméria foi uma antiga civilização do sul da Mesopotâmia (hoje, sul do Iraque), entre cerca de 3.300 e 1.200 a.C.; embora historiadores modernos sugiram também ter-se estabelecido entre 5.500 e 4.000 a.C. por um povo da Ásia Ocidental que dominava a língua suméria.

<sup>2</sup> A civilização do Vale do Indo foi uma civilização da Idade do Bronze localizada na região noroeste do sul da Ásia, tendo existido entre 3.300 a.C. e 1.300 a.C., tendo seu apogeu ocorrido entre 2.600 e 1.900 a.C.

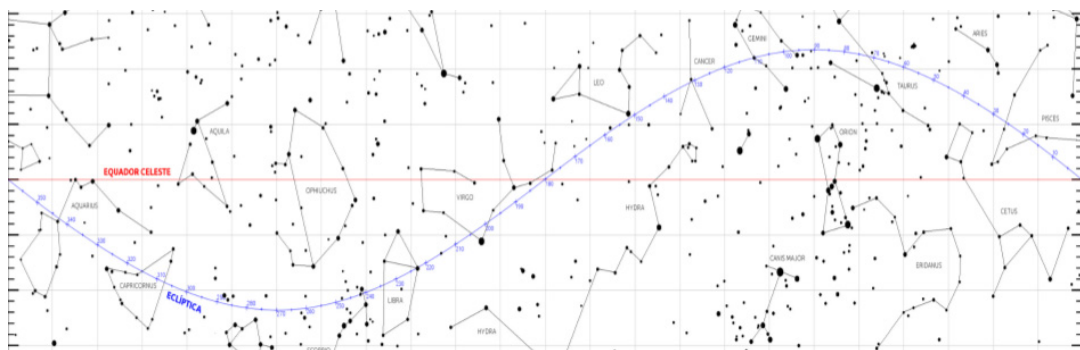
<sup>3</sup> A Caldéia, como nação, existiu entre o século IX e o século VI a.C., sendo depois absorvida pelos babilônios.

sição do Sol e dos planetas em relação a essas constelações no momento do nascimento da pessoa.



O Zodíaco

Mesmo considerando que a confecção de um mapa astral não seja uma coisa simples, envolvendo dentre outras dificuldades cálculos matemáticos complexos (conforme ouvi certa vez um astrólogo alegar, embora isso não seja aval suficiente para validar a prática), não se pode deixar de perceber de imediato algumas dificuldades das quais os astrólogos estarão certamente cientes: primeira, uma das constelações — Serpente — foi deixada de lado, decerto porque doze é um submúltiplo de 360, mas treze não, e assim a eclíptica foi dividida em doze áreas ou casas, iguais, de  $30^\circ$ , perfazendo os  $360^\circ$  de um círculo; segunda, o Sol não permanece o mesmo número de dias em cada constelação: em Virgem permanece 45 dias, mas em Escorpião apenas sete (nas demais, o número de dias varia de 18 a 38). Temos, portanto, uma simplificação bastante grosseira que vem prevalecendo ao longo dos séculos, que não é ignorada pelos astrólogos mas que estes dizem não ter qualquer importância.



Eclíptica

A constelação da Serpente (Ophiucus), conhecida desde a antiguidade, passou a ser reconhecida como a 13ª constelação zodiacal a partir de 1925 pela União

Astronômica Internacional, pois o Sol, após Libra e Escorpião passa por Serpente entre 30 de novembro e 17 de dezembro. Surgiu então uma dúvida incômoda: existe um 13º signo astrológico? Pelo que pude pesquisar, os astrólogos — pelo menos em sua maioria — não endossam essa inclusão.

Do que foi dito, dúvidas impõem-se: o que levou a constelação da Serpente ser deixada de lado pelos povos antigos, já que faz parte do Zodíaco, senão o fato de simplificar a divisão do Zodíaco em casas iguais? Como foi dito, há grandes diferenças na permanência do Sol nas constelações; serão levadas em conta na realização de um horóscopo? (p.ex., o signo de Escorpião vai de 23 de outubro a 21 de novembro, mas o Sol permanece apenas sete dias nessa constelação. Pergunto: qual a situação daqueles que nascem em Escorpião num dia em que o Sol já não está lá?)

Para uma prática que pretende ditar verdades sobre a vida das pessoas, estas são questões no mínimo incômodas. Além desses problemas, contudo, há outros que contribuem para que a Astrologia (assim como a Numerologia, a Cartomancia, etc.) seja vista pelo meio acadêmico (e pelas pessoas de bom senso) apenas como uma prática pseudo-científica, na melhor das hipóteses, e na pior, como mera credence.

Mesmo não pretendendo esgotar o assunto, vamos abordar ligeiramente cada um.

As constelações de um modo geral, e as do Zodíaco em particular, são conjuntos específicos de estrelas que o imaginário popular levou a identificar com a forma de animais e outras figuras.

A União Astronômica Internacional, criada em 1922, desenvolveu a partir de 1925 um amplo estudo sobre o céu a fim de dividi-lo em várias regiões como pode ser visto num atlas celeste, passando então a ser reconhecidas um total de oitenta e oito constelações, cujos nomes seguiram a tradição grega. Desse total, treze constelações são zodiacais, mas as adotadas pela Astrologia são doze: Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Libra, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes.

Ora, a identificação dessas constelações na antigüidade com figuras diversas, a maioria de animais, não partiu de um estudo científico: originou-se, como disse acima, do imaginário popular, portanto do puro e simples folclore.

À época dos primeiros horóscopos, vale dizer, à época em que a Astrologia surgiu, o entendimento que se tinha dos céus era inteiramente diferente do que é hoje. Acreditava-se então que a Terra fosse fixa no centro do Universo e que todos os demais corpos girassem ao seu redor. O Sol, a Lua, os cinco planetas e as estrelas fixas se distribuíam no céu em esferas cristalinas concêntricas, sendo a esfera das estrelas a maior, exterior portanto às demais, além da qual ficava o Empíreo, a morada dos deuses. Temos com isso que as estrelas, fixas em sua esfera, estariam todas igualmente distantes da Terra.

O Universo então parecia bem menor e mais simples do que é hoje, porém com o avanço das investigações astronômicas ao longo dos séculos o Universo

ganhou em complexidade numa escala inimaginável. Os planetas Urano, Netuno e Plutão, que não podiam ser considerados nos horóscopos antigos por serem então desconhecidos, foram descobertos respectivamente em 1781, 1846 e 1930. Em 1920 ocorreu o famoso “grande debate” entre os astrônomos Harlow Shapley e Heber Curtis, defendendo pontos de vista diferentes: Shapley acreditava que as nebulosas pertenciam à Via Láctea, enquanto Curtis defendia a existência de outras galáxias além da Via Láctea, e que muitas das nebulosas conhecidas seriam essas outras galáxias.

Isso nos mostra o quanto era ainda limitado o conhecimento do Universo mesmo na segunda década do século XX!



**Plutão e Ganimedes**



Sabemos hoje que as esferas cristalinas não existem e que nem a Terra nem o Sol são o centro do Universo, que na verdade não tem centro, e mesmo a Via Láctea é apenas uma entre cerca de cem bilhões de galáxias espalhadas pelo céu. Sabemos também que o próprio sistema solar é muito mais complexo do que aquele considerado pelos astrólogos, pois além dos planetas e seus satélites uma grande quantidade de corpos orbita o Sol, desde o cinturão dos asteróides, entre Marte e Júpiter, passando pelo Cinturão de Kuyper (onde se situam diversos corpos bastante grandes, incluindo o planeta-anão Éris, com massa de  $1,66 \times 10^{22}$  kg, que não entra nos horóscopos apesar de ser maior que a de Plutão, que é de aproximadamente  $1,3 \times 10^{22}$  kg) até a Nuvem de Oort, que orbita o Sol a 50.000 UA<sup>4</sup> de distância. Nada disso é levado em conta para os mapas astrais e horóscopos.

O caso de Plutão, reclassificado em 2006 como planeta-anão pela União Astronômica Internacional, e o da Lua são bons exemplos: a maior lua do sistema

---

<sup>4</sup> UA = Unidade Astronômica, equivalente a 150.000.000 de quilômetros, que é a distância média da Terra ao Sol.

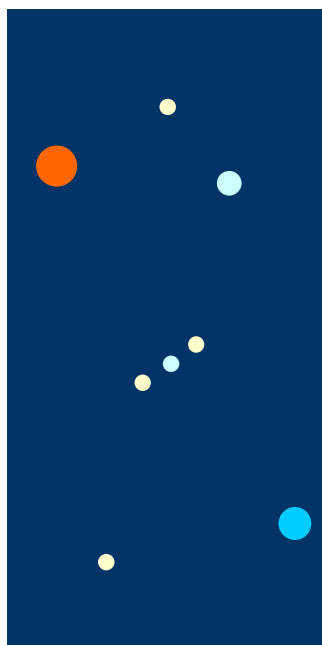
solar é Ganimedes (de Júpiter), cuja massa é aproximadamente  $1,48 \times 10^{23}$  kg, ou seja, o dobro da massa da Lua (que é de  $7,3 \times 10^{22}$  kg) e mais de onze vezes a de Plutão; apesar disso, Ganimedes também não é computado em nenhum horóscopo!

Uma característica da ciência é que o conhecimento não permanece estagnado: quando a descrição de um fenômeno já não satisfaz por sua pouca precisão, requer-se uma descrição melhor, e um exemplo disso é o sistema de Ptolomeu e a necessidade de um novo sistema que descrevesse melhor os fenômenos celestes; Copérnico entra em cena com seu novo sistema, que não era muito melhor mas já representava um grande avanço ao destronar a Terra de sua posição central e estática e levar para lá o Sol; desde então os astrônomos vêm se empenhando em descrições astronômicas cada vez mais refinadas. A posição dos astros no céu há cerca de 5.000 anos era bastante diferente da atual, e a Astronomia acompanha essas transformações; a Astrologia, porém, permanece praticamente estagnada, e chega a ser surpreendente que tenha incluído em suas considerações os planetas Urano, Netuno e Plutão (porém não o planeta-anão Éris!).

Um outro aspecto duvidoso da Astrologia é o fato de que os planetas não estão sempre à mesma distância da terra.



Órion



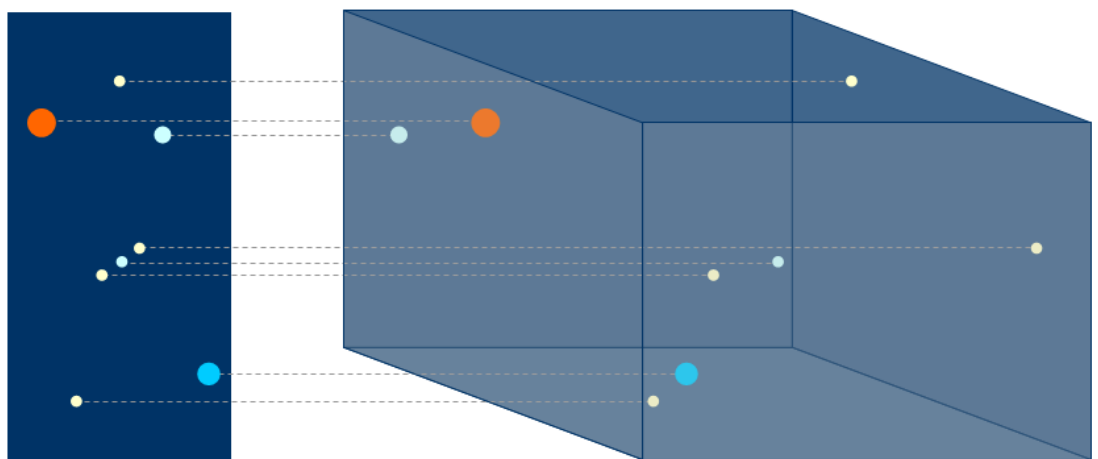
Certa vez li um texto de um astrólogo no qual ele defendia a idéia de que pessoas nascidas na mesma data mas em hemisférios diferentes deveriam ter signos diferentes, considerando a distância do planeta regente entre um hemisfério e o outro. Uma idéia até curiosa do referido astrólogo, que, no entanto, pareceu não

considerar o problema muito mais simples da própria distância entre a Terra e dito planeta no decorrer de suas translações: se um determinado planeta exerce algum tipo de influência na vida de uma pessoa no instante de seu nascimento, exercerá o mesmo tipo de influência sobre a vida de outra pessoa que nasça na mesma data um ano mais tarde, quando a distância entre ambos os planetas já será outra? Parece-me bastante problemática essa questão.

Um outro problema é com a própria posição das estrelas nas constelações.

Observadas da Terra, as estrelas parecem próximas e dispostas num plano, portanto todas à mesma distância de nós, como se vê na imagem acima, da constelação de Órion, tomada como exemplo<sup>5</sup> — e como eram percebidas quando se acreditava que estariam todas fixa em sua esfera cristalina!

No entanto esse plano e essa distância são apenas aparentes: as estrelas estão a distâncias enormes da Terra e a distâncias igualmente enormes entre si, e em vez de dispostas num plano, ocupam um volume tridimensional do espaço. Na figura seguinte, com as distâncias aproximadamente em escala, exemplificamos como poderia ser a disposição desse conjunto de estrelas se vistas em perspectiva dentro de um dado volume do espaço: a conhecida forma da constelação desapareceria. Neste exemplo temos a estrela mais próxima a um pouco menos de 300 anos-luz (2.850.000.000.000 km) de distância, e a mais distante a quase 1.400 anos-luz (13.300.000.000.000 km).



São essas distâncias que, apesar de as estrelas estarem em constante movimento e deslocando-se a velocidades elevadas, fazem com que sua posição em relação às demais nos pareça, noite após noite, a mesma. Assim sendo, é muita ingenuidade acreditar-se que esses objetos, que só são organizados dessa maneira em decorrência da criatividade humana e não de uma relação intrínseca entre si,

---

<sup>5</sup> Órion foi tomada como exemplo porque não encontrei uma das constelações do Zodíaco com a descrição da distância em anos-luz das estrelas à Terra, porém o que é dito aqui acerca dessa constelação vale — obviamente — para qualquer outra.

possam de fato exercer qualquer influência na vida e nas atividades de pessoas em nosso minúsculo planeta.

Em vista do exposto, impõe-se a pergunta: através de que mecanismo tais conjuntos de astros exercem influência sobre o que acontece na Terra?

Certa vez entrei em contato com alguns astrólogos na Internet, enviando essa pergunta via *e-mail*, mas apenas uma astróloga respondeu que seria “através da energia, [pois] os planetas são movidos por energias que atuam de diferentes modos, ou seja, algo que não percebemos através dos sentidos físicos, mas que atua nos corpos sutis do ser humano, isto é, na psique e no corpo mental”.<sup>6</sup>

Pode-se, contudo, encontrar em *sites* de astrologia referências a “energias cósmicas” que se associam aos símbolos zodiacais, e que seriam essas energias — e não as próprias constelações em si — que exerceriam influência sobre nós.

Deverá o leitor perceber que esta questão aduz diversas dificuldades: se são “as energias cósmicas” que influem sobre as atividades humanas, podemos perguntar:

1 — Qual a natureza dessas energias?

2 — Quem mediu e classificou tais energias?

3 — Tendo as constelações origem puramente folclórica, como tais energias foram associadas a elas, isto é, quando isso foi feito, por que métodos, quais os critérios adotados, onde foram registrados esses métodos, critérios e seus resultados?

4 — Por extensão, presume-se que a cada astro estará associada uma forma de energia cósmica característica, já que cada um exerce uma influência diferente. Portanto: como foram identificadas e classificadas? Por exemplo, como se pôde identificar que o tipo de energia “x” emitida pelo planeta “X” propicia o desenvolvimento de algumas habilidades profissionais, mas não de outras?

Um exemplo notável foi o experimento de Michel Gauquelin, no qual, após estudar a data de nascimento de cerca de vinte mil pessoas (pesquisa que durou anos e que Gauquelin fez com a ajuda da esposa) foram identificadas certas habilidades profissionais associadas aos planetas Marte, Júpiter e Saturno. Gauquelin percebeu que havia um padrão (que, não obstante, não foi encontrado para o Sol, Vênus e Mercúrio) e a divulgação de seus resultados causou sensação e polêmica à época, chegando mesmo a impressionar alguns membros da comunidade científica.<sup>7</sup>

De passagem, notamos dois problemas: o primeiro, como Gauquelin procurou resultados similares em relação ao Sol, concluímos que para a Astrologia o Sol é tido na mesma categoria de um planeta (!); o segundo é o que se refere aos já mencionados mecanismos de influência: parece que Gauquelin encontrou certos

---

<sup>6</sup> Vide “Da ciência e das práticas místicas”, de minha autoria.

<sup>7</sup> Posteriormente prevaleceu a dúvida acerca desses resultados, concluindo-se que os resultados seriam tendenciosos. Interessados encontrarão bastante material de pesquisa sobre Gauquelin na Internet. Um endereço, contudo, com um artigo breve, é <https://www.viastral.com.br/materia/a-pesquisa-de-michel-gauquelin>.

padrões profissionais relativos a Marte, Júpiter e Saturno, porém em nenhum momento questionou esse aspecto do problema; ora, ainda que tais padrões fossem numerosos para que se pudesse, a princípio, descartar a possibilidade de coincidência, impunha-se como necessário explicar os mecanismos de influência desses planetas sobre a vida das pessoas regidas por eles, porém não só Gauquelin não o fez, como também nenhum outro astrólogo logrou uma explicação para o problema.

Sem resposta a essas perguntas — e é muito pouco provável que os astrólogos aduzam tais respostas com precisão —, a Astrologia permanecerá no rol das pseudo-ciências para sempre.